

UMA POÉTICA DOS ESPELHOS: UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE OS CONTOS *O ESPELHO*, DE MACHADO DE ASSIS E GUIMARÃES ROSA

Glenda Duarte¹

glenda_idilios@hotmail.com

O principal objetivo deste ensaio é a realização de um estudo comparativo entre os contos homônimos *O espelho* de Guimarães Rosa e *O espelho* de Machado de Assis. Os contos além de ter o mesmo nome, também trazem uma temática parecida, pois suas personagens, a partir de suas experiências de vida, estão tentando responder as questões como: O que é o homem? O que é alma? Qual o sentido da existência? Portanto, percebemos nos dois contos um confronto pessoal, subjetivo que acontece por meio de um objeto concreto que serve principalmente para refletir imagens, **O espelho**.

O ESPELHO DE GUIMARÃES ROSA

No conto *O espelho* de Guimarães Rosa, a história acontece entorno de uma personagem não nomeada, é apenas um homem, que está cansado de viver em um mundo de aparências e a partir de uma crise de identidade sai em busca do seu verdadeiro “Eu”, da sua alma.

Para tanto, o objeto concreto utilizado para tão momento é o espelho, pois o espelho reflete a nossa verdadeira forma, diferente de uma fotografia que reflete uma imagem construída e estática que representa apenas um recorte de uma dada realidade, o espelho é um objeto dinâmico, porque sempre reflete o novo, porque o próprio ser humano está em constante mutação, uma imagem refletida ontem, não será a mesma que está sendo refletida hoje, porque o homem diante do espelho não será mais o mesmo de ontem e amanhã não será o mesmo de hoje por que: “Ah, o tempo é o mágico de todas as traições... E os próprios olhos, de cada um de nós, padecem viciação de origem” (ROSA, 1969, p.114).

Assim, esse conto mostra o drama de um homem em conflito e as questões desenvolvidas ao longo da narrativa acontecem no lavatório de um edifício público, no momento no qual o homem, livre de máscaras, porque elas só servem para esconder e deformar o real. Nesse momento ele se enxerga de outra forma, ele começa a se ver de verdade, porém quando isso acontece, ele não consegue suportar a sua própria aparência:

E o que enxerguei, por instante, foi uma figura, perfil humano, desagradável ao derradeiro grau, repulsivo senão hediondo. Deu-me náusea, aquele homem causava-me ódio e susto, eriçamento, espavor. E era – logo descobri... era eu, mesmo! O senhor acha que eu algum dia ia esquecer essa revelação? (ROSA, 1969, p.119).

Contudo, foi por meio desse acontecer que o homem começou a sua busca pessoal, uma busca árdua que chega a levar meses, em uma tentativa de encontrar o homem verdadeiro que deveria existir além de uma imagem refletida no espelho.

Mas, toda investigação exige renúncia e um grande devotamento, principalmente quando ela acontece de fora para dentro, do aparente para o profundo, quem sabe, por isso ela tenha sido uma busca frustrada, pois ele decidiu parar de tentar se encontrar, talvez, isso tenha ocorrido pelo motivo de que quando procuramos alguma coisa criamos a expectativa de encontrarmos respostas e não cada vez mais e mais questões.

A partir disso podemos nos questionar, será possível deixarmos de lado as concepções que carregamos conosco ao longo de anos e substituí-las por novas concepções sem que isso não nos torture? Portanto, precisamos fazer como Alberto Caeiro, raspamos a tinta com a qual nos pitaram os sentidos. Pois, para que seja possível olharmo-nos profundamente necessitamos ir além da aparência, retirando camada por camada até que a única coisa que nos reste seja o nada.

O ESPELHO DE MACHADO DE ASSIS

Já no conto *O espelho* de Machado de Assis, a história acontece entorno de Jacobina, um senhor por volta de quarenta a cinquenta anos que resolve relatar um caso que aconteceu em sua vida quando tinha por volta de vinte cinco anos, quando havia sido nomeado Alferes. Como ele estava participando de uma roda de conversas entorno de questões metafísicas, achou que este caso explicaria bem a questão do que é a alma, pois de acordo com ele “Cada criatura humana traz duas almas consigo: uma que olha de dentro para fora, outra que olha de fora para dentro...” (ASSIS, 1994, p.26). Assim, o homem é composto por uma dicotomia, uma alma voltada para questões objetivas, para o exterior, que poderia ser qualquer coisa um objeto, uma pessoa, etc. E uma alma subjetiva, interior e voltada para questões que refletem a vida. Com isso, entendemos que o homem é um ser de ambigüidades que necessita vitalmente desses dois tipos de alma para que sua vida tenha um sentido.

O relato prosseguiu, mas só seria possível desde que ele não fosse interrompido em nenhum momento e assim aconteceu. A partir da nomeação de Jacobina como Alferes, o que lhe deu o direito

de usar um uniforme correspondente com o seu novo cargo, o então rapaz pobre adquire novo status perante a sua família e também passa a ser respeitado perante a sua comunidade, tendo em vista que todos passam a tratá-lo apenas por Seu Alferes.

Nessa parte do conto percebemos que desde o século XIX, período em que o conto foi escrito, o autor já suscitava questões contemporâneas, nas quais mostra uma sociedade que está pautada apenas no Ter, ter status, ter um cargo, ter boa remuneração e não no Ser, ser honesto, ser educado, ser uma pessoa de caráter, pois nada disso é valorizado em uma sociedade que se sustenta por meio de aparências.

E o senhor Alferes com o passar do tempo foi se acostumando com todas as atenções que as pessoas lhe proporcionavam no momento em que estava devidamente vestido com sua farda. Ele se acostumou a tal ponto que acabou sendo absorvido pelo o cargo e por tudo o que a sua farda representava. O homem que havia sido em outrora já não existia e tão pouco lhe interessava saber o que havia acontecido com ele. E mais uma vez nos deparamos com uma crise de identidade.

Nesse momento de sua vida o importante era o efeito que acontecia de fora para dentro, agora tudo o que estava relacionado à sua aparência era o que realmente trazia sentido a sua existência. Não existia mais uma harmonia entre as duas almas, pois agora a alma exterior se sobrepunha a alma interior.

E foi em um momento de completa solidão, no qual não havia mais ninguém para lhe “adorar”, que um sopro do homem que ele havia sido outrora ressurgiu, e nesse momento ele se depara com o mesmo objeto concreto capaz de refletir as imagens, O espelho. Um espelho velho e grande que possuía um estimado valor histórico e por isso era o melhor objeto da casa.

Enfrente ao espelho o senhor Alferes sumiu, na experiência do silêncio a linguagem se manifestou para ele por meio de um diálogo interno, no qual ele se deparou com o nada, ao se deparar com a sua imagem despida do uniforme, refletida ali no espelho, naquele momento para ele a sua imagem estava distorcida, decalcada, sem brilho, parecia que faltava algo que pudesse completar-lhe. Daí percebeu que a sua existência havia perdido o sentido, pois ela estava pautada somente na aparência; era o cargo que lhe conferia status, era a farda que fazia com que ele se esquecesse do homem que ele realmente era e de suas falhas como humano.

No momento em que ele se via “despido de poder” ele era obrigado a escutar o silêncio e a enxergar apenas o nada acontecendo em sua consciência. Então para sair desse momento de

profunda depressão ele pegava sua farda e ficava diante do espelho a se admirar, e tudo voltava a fazer sentido, porque naquele momento ele era o senhor Alferes. Para ele era melhor ser feliz acreditando em uma ilusão, parecer importante, se fazer respeitar, do que se assumir como ele realmente era quando não estava com a sua farda.

CONFRONTANDO OS ESPELHOS

Para estabelecermos o confronto entre os contos utilizaremos o filme alemão *O último homem*, por percebemos claramente semelhanças com os dois contos acima mencionados, o drama humano de uma personagem conflitante mais uma vez é mostrado, a partir da história de um pobre homem que trabalha como porteiro em um luxuoso hotel. Emprego esse que lhe confere certo status que é exemplificado a partir do momento no qual ele veste o seu uniforme de trabalho, e passa a ser respeitado e tratado de outra forma, assim como aconteceu com a personagem Alferes de Machado de Assis.

O porteiro do filme também é reconhecido por sua comunidade devido à importância atribuída ao seu cargo por seus vizinhos, pois entre eles o porteiro do luxuoso hotel é o homem de mais prestígio social que eles conhecem.

Porém, tudo começa a mudar no momento em que o porteiro é destituído de seu cargo e passa a trabalhar no banheiro do hotel, o que pode ser comparado com o momento crucial vivido pela personagem do conto de Guimarães Rosa, que também acontece em um banheiro público. Essa nova condição é muito constrangedora e difícil de ser aceita por ele, e por medo do julgamento das pessoas que o conheciam e principalmente de sua família, ele decide não contar o que havia acontecido e para que ninguém descobrisse nada ele resolveu roubar o seu antigo uniforme e continuar usando como se tudo estivesse como antes.

Contudo, o seu plano não deu certo, pois por uma obra do acaso em um belo dia a sua esposa resolve fazer uma visita surpresa e sem querer acaba descobrindo a nova função do marido e isso o deixa ainda mais envergonhado, pois todos descobrem que ele agora não passa de um simples ajudante de banheiro, situação essa que faz com que ele seja totalmente ridicularizado e humilhado.

Com isso, a vida do antigo porteiro havia mudado completamente, assim como Alferes no conto de Machado, o homem havia sido absorvido pela farda, ele já não era a mesma pessoa, a sua vida perdia o sentido, nesse momento ele viveu o mesmo conflito que os personagens dos contos

viveram o sentimento de solidão, o confronto com os próprios sentimentos, as questões entorno do que é o homem, a experiência do silêncio se fazendo presente, e a grande interrogação do que traz realmente sentido para existência?

É possível Viver em uma constante busca em torno da verdadeira alma, em busca de uma essência que foi perdida, ou Viver na mais completa ilusão de felicidade pautada apenas em um mundo de aparências, atribuindo a outras pessoas o significado de nossas existências, conferindo a nossa felicidade ou tristeza, baseando-se simplesmente na opinião de outras pessoas com relação a nossa própria existência nesse sentido cabe o conceito de atributo. “Nesse caso, o atributo é uma forma de classificação de alguém por algo que é de outro, a partir de outro e não do que lhe é próprio.” (CASTRO, 2010, p.116).

Por fim, esse estudo dialogou com questões relacionadas aos contos O espelho de Guimarães Rosa e Machado de Assis. Questões essas que podem ser encontradas em qualquer contexto de análise, pois tratam do ser humano, em total condição de ser humano.

REFERÊNCIAS

ASSIS, M. de. **O espelho** (Esboço de uma teoria da alma humana). Rio de Janeiro: Aguilar, 1994.

CASTRO, M. A. de. O próprio e os atributos. **Terceira Margem**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Centro de Letras e Artes, Faculdade de Letras, Pós-Graduação, Ano XIV, n. 22, jan-jun., 2010.

ROSA, J. G. **O espelho**. In: *Primeiras estórias*. 5ª Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969.

¹ Graduada em Ciências da Religião (UEPA), estudante de Letras Hab. Língua Portuguesa (UFPA), estudante de Especialização em Letras (UEPA) e Mestranda no programa de pós-graduação em Ciências da Religião na linha de pesquisa Hermenêutica das linguagens religiosas no contexto amazônico (UEPA).